

## **Alguns aspectos do livro eletrônico como objeto de estudo no GP Produção Editorial da Intercom<sup>1</sup>**

Renata Carvalho da COSTA<sup>2</sup>  
Universidade de São Paulo, São Paulo, SP

### **Resumo**

O trabalho tem como corpus de estudo os artigos selecionados e apresentados no GP de Produção Editorial entre os anos 2000 e 2011 que tratam sobre o tema livro eletrônico, já que este é um dos assuntos mais discutidos atualmente no mercado editorial. No total, são 11 artigos analisados. O objetivo é traçar um panorama dos estudos feitos até então, definições possíveis sobre esse objeto, diferenças e semelhanças com o livro impresso. O que se pode concluir a partir desses estudos é que as pesquisas sobre o livro eletrônico ainda buscam por uma definição deste objeto e acompanhando seu desenvolvimento.

**PALAVRAS-CHAVE:** livro eletrônico; produção editorial; livro impresso; suporte de leitura.

O GP Produção Editorial nasceu GT (Grupo de Trabalho) em 1994, no XVII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, na Universidade Metodista de Piracicaba, fundado por Luis Guilherme Pontes Tavares, Aníbal Bragança e Sandra Reimão, entre outros. Inicialmente, recebeu “a denominação de Grupo de Trabalho Produção Editorial, Livro e Leitura” (REIMÃO e QUINTINO, no prelo).

Em 2001, tornou-se NP (núcleo de pesquisa), como os demais grupos da Intercom - Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação -, que nasceu em 1977. No mesmo ano de sua fundação, a entidade passou a organizar “ciclos de estudos interdisciplinares”, que se tornaram os congressos nacionais a partir de 1991 (BRAGANÇA, 2010). Em 2009, em nova reformulação, tornou-se GP (grupo de pesquisa).

A ementa do GP Produção Editorial que vigora hoje (1) é muito próxima daquela da fundação do grupo (2).

- 1) Estudo da produção editorial contemplando as relações entre comunicação e outras áreas do conhecimento que se dedicam ao tema. Abrange diferentes abordagens e

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Produção Editorial do XII Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Bacharel em Jornalismo, Mestre em Ciências da Comunicação e doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Universidade de São Paulo. E-mail: [renatacosta@usp.br](mailto:renatacosta@usp.br).

perspectivas de pesquisa em torno de produtos editoriais impressos, sonoros, audiovisuais ou multimídia, tais como livros, jornais, revistas, histórias em quadrinhos, narrativas multimídia etc., distribuídos em suportes analógico, digital ou em rede, privilegiando articulações entre: a) edição, cultura e história; b) edição e linguagem; c) processos e produtos editoriais – agentes, cadeia produtiva, práticas editoriais, infraestrutura; d) produção editorial, suportes e tecnologia; e) gestão, produção, difusão e consumo; f) textos e leitores.

- 2) O Núcleo Produção Editorial constitui-se num espaço de reunião, apresentação, reflexão e troca da produção acadêmica de pesquisadores das diferentes práticas de editoração e produção editorial, entre as quais destacam-se, evidentemente, aquelas vinculadas ao livro, mas contempla também outros suportes técnicos de mensagens escritas, como revistas, jornais, HQ, boletins, folhetos, impressos em papel, em suportes digitais ou inscritos em quaisquer outros materiais. Este Núcleo, multi e transdisciplinar, visa agregar estudiosos das diversas disciplinas que estudam a produção editorial, em suas diferentes práticas, espaços e tempos (REIMÃO e QUINTINO, no prelo)

Os autores destacam três aspectos dessa ementa, resumidos a seguir:

- O Núcleo abrange estudos em todos os suportes materiais da comunicação, ainda que dê ênfase ao livro;
- estudos que envolvem a cultura impressa são trans e multidisciplinares;
- práticas profissionais relacionadas à produção do livro são inter-relacionadas com questões acadêmicas e históricas.

Se o espaço aberto pela Intercom consolidou um grupo para estudos em Editoração no Brasil<sup>3</sup>, no exterior, o início se deu da maneira como conhecemos com Roger Chartier<sup>4</sup> e sua “nova história do livro” na década de 1970. Por ser, portanto, uma área de estudos ainda jovem, muito há a ser recuperado na história desse campo no país e no exterior.

Para Sandra e Quintino (no prelo),

De maneira geral pode-se dizer que o olhar do pesquisador para o passado editorial do país, para os editores e para a formação e desenvolvimento de nossa indústria livreira é um olhar interessado, ativo e seletivo que se dá a partir do tempo presente.

Este tempo presente é marcado por questionamentos a respeito do futuro do livro, das opções de suportes materiais (dispositivos de diferentes marcas e tipos), das ofertas de

---

<sup>3</sup> Não se pode deixar de citar trabalhos anteriores como os de Laurence Hallewell, Antonio Candido, Ecléa Bosi e outros.

<sup>4</sup> Chartier é tão importante para os estudos do livro que, prova disso, é ele ser citado em todos os artigos estudados neste trabalho.

software de leitura, da transposição do impresso para a tela e do impacto da leitura no digital, para citar alguns.

Em 2010, Bragança realizou um levantamento sobre os trabalhos apresentados nos encontros do GP de Produção Editorial desde 1994. Classificou os 218 trabalhos selecionados para apresentação em 9 temas: 1) produção editorial, 2) design gráfico/editorial, 3) mercado editorial, 4) livro, editoração e novas tecnologias, 5) políticas públicas para o livro e a leitura, 6) história do livro: explorações teóricas, 7) história editorial e livreira, 8) leitura e história da leitura e 9) privilégios e censura.

E, embora o assunto do momento no mercado editorial e entre os profissionais da área seja o livro eletrônico e a digitalização, dentre os artigos apresentados no Intercom de 1994 a 2009, o item livros, editoração e novas tecnologias corresponde a apenas 7% do total de artigos, com 16 trabalhos. Descreve o autor assim essa produção:

*Tema 4: Livro, editoração e novas tecnologias:* Os 16 trabalhos deste tópico vão da análise do desenvolvimento do livro eletrônico até a estudos que confrontam a mídia impressa com a digital, mostrando desde os limites da mídia eletrônica às possibilidades que se abrem para o e-book, além de estudos sobre a edição de periódicos científicos eletrônicos e as possibilidades abertas na web para maior visibilidade da ciência; também sobre a questão do fim do livro e sobre rupturas na construção do conhecimento com o avanço das práticas digitais na escrita e na leitura em direção a uma sociedade hipertextual; outros que advertem sobre as limitações do meio eletrônico e o destino da editoração do livro na era da web (Bragança, 2010, p. 9 e 10).

Para saber, portanto, o que tem sido estudado sobre livros eletrônicos dentro dos Estudos da Comunicação, decidimos investigar as pesquisas sobre o assunto no GP Produção Editorial da Intercom, por considerar ser este o local de excelência para o desenvolvimento de pesquisas no tema. O site da Intercom disponibiliza o texto integral dos artigos selecionados e apresentados em seus congressos nacionais desde o ano 2000. Foi realizada, portanto, na seção de Anais dos congressos, a busca que se consolidou no *corpus* de estudo deste artigo.

### Trabalhos apresentados GP Produção Editorial – Intercom

Ano	Total de trabalhos	Sobre livro eletrônico
2000	12	0
2001	11	3
2002	18	1
2003	15	1
2004	21	0
2005	22	0
2006	16	0
2007	21	0
2008	24	0
2009	24	0
2010	16	2
2011	30	4
Total	230	11

Fonte: Anais Intercom <http://www.portalintercom.org.br>

### Trabalhos sobre livro eletrônico no GP Produção Editorial

Ano	Título	Autor
2001	O destino da editoração, do livro e da leitura na web	Santos et al.
2001	Livro eletrônico: a evolução de uma ideia	Silva & Bufrem
2001	Do papel ao monitor – possibilidades e limitações do meio eletrônico	Monteiro
2002	Sobre o e-book: produção editorial e novas tecnologias	Villaça
2003	Um breve olhar sobre a ruptura eletrônica do livro	Farbiarz e Nojima
2010	Produção de editoras gaúchas e o mercado do livro digital	Barcellos
2010	O livro eletrônico como objeto formal de estudo e como objeto de uso	Moraes
2011	The book is on the tablet: Visadas no discurso sobre o livro digital na imprensa	Ribeiro
2011	Em defesa de uma	Toraci

	linguagem científica digital, multiforme e interativa	
2011	Edições independentes e práticas editoriais: novas possibilidades de publicação do impresso ao digital	Araújo
2011	As mudanças na recepção a partir das tecnologias: do livro impresso ao eletrônico	Martins

Nesse período, compreendido entre os anos 2000 e 2011, pelos artigos destacados acima e que passaremos a discutir e a citar a seguir, percorre-se uma história inicial do livro eletrônico ou e-book. De quando a) ele ainda não era passível de receber ISBN (SANTOS et al, 2000) - passou a receber em 2005 -; b) ainda era chamado de e-livro (SANTOS et al, 2000) - sendo que os trabalhos atuais usam de maneira unânime o termo e-book ou livro eletrônico – c) eram feitos alguns questionamentos a respeito do fim do livro impresso (ideia negada desde o começo) e d) de comparações entre os suportes.

### **A definição do livro eletrônico**

Diante do amplo espectro de possibilidades de estudo sobre o livro eletrônico, uma dificuldade ainda permanece e chama a atenção: definir, afinal, o que é o livro eletrônico/e-book. Há algumas definições para o livro impresso e todas são bastante claras. A de Albert Labarre pode ser também pensada para o eletrônico, já que leva em conta três noções que devem ser, necessariamente, consideradas juntas: 1) suporte da escrita; 2) difusão e conservação de um texto; 3) maneabilidade (LABARRE, 1981, p. 1).

Já para a Unesco (Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura), o livro é “publicação impressa não-periódica, com no mínimo 49 páginas sem contar as capas e disponível ao público” (de 5 a 48 páginas, a Unesco classifica como livreto). Esta definição, portanto, já não abarca o livro eletrônico.

Se não é possível, então, definir o livro eletrônico em número de páginas, tampouco o é pela definição do software de leitura. Os softwares mais usados atualmente são o PDF

(portable digital format) e ePub (formato de publicação eletrônica) (BARCELLOS, 2010, p. 4). Não há, portanto, um padrão de software universal para os dispositivos.

Além do software, também não há tamanho de texto ou número de caracteres que defina o livro eletrônico ou o diferencie de outros textos disponíveis digitalmente, como um artigo, por exemplo. O *paper* de Farbiaz e Nojima, apresentado em 2003, traz Chartier para o debate.

Chartier (1998)<sup>5</sup> ressalta, no entanto, que a criação de formatos próprios para o livro digital, tanto no que se refere aos dispositivos e programas de leitura, quanto aos próprios livros, atendem principalmente à necessidade de desvincular o livro da massa de textos eletrônicos que circula pela internet. Ao criar uma identidade própria para o livro digital, autores e editores podem desvincular este novo texto eletrônico dos textos de livre acesso da internet, e passar a cobrar seus direitos autorais por eles (Farbiaz & Nojima, 2003: 5).

Não há, no entanto, ainda um formato próprio para o livro digital.

O artigo *O destino da editoração, do livro e da leitura na web*, de Santos et al (2000), cita um texto da Revista Meio & Mensagem, de 1999, em que descreve o e-book, chamado de *e-livro*, como um dispositivo. “O e-livro não é bem um livro. É um pequeno computador concebido ergonomicamente para a leitura no qual se descarregam os arquivos das obras que se deseja ler” (SANTOS et al, 2000, p. 3).

Já o artigo *Livro eletrônico, a evolução de uma ideia* (SILVA e BUFREM, 2001), fornece outras definições de e-book (ou livro eletrônico):

... um pequeno aparelho portátil, com capacidade para armazenar na memória uma expressiva quantidade de textos, o livro eletrônico pode também ser considerado como conteúdo disponibilizado na Internet para download em um computador (p.2).

... suporte da escrita, o livro eletrônico é um aparelho de leitura de textos em formato digital, que oferece as funcionalidades de um livro de papel, inclusive, a mais importante delas, a portabilidade (p. 4).

O artigo *O livro eletrônico como objeto formal de estudo e como objeto de uso* (MORAES, 2010, p. 1), coloca o e-book como “plataforma de emulação do livro

---

<sup>5</sup> Em *A aventura do livro: do leitor ao navegador*. São Paulo: Unesp, 1998

impresso” e discute a dificuldade deste como objeto de estudo justamente pelo motivo que discutimos aqui: a multiplicidade de conceitos verificáveis na bibliografia disponível. Ele apresenta em seu trabalho um *paper* interessante de 2004 de um autor português, José Afonso Furtado, à época (e atual) diretor da Biblioteca de Arte da Fundação Calouste Gulbenkian de Lisboa.

José Afonso Furtado (2004) apresenta um balanço de definições de livro digital por associações e entidades ligadas ao livro, como a *Association of American Publishers* e o *Open eBook Forum*, atual *International Digital Publishing Forum*. Este último apresenta sugestões de especificação e formatos para o livro eletrônico, compreendendo, resumidamente, dois componentes principais: o sistema de leitura (*Reading System*), que inclui *software* e *hardware* para leitura de publicações, e a publicação propriamente dita, que pode ser apresentada em diversos formatos (Moraes, 2010, p. 1).

Essa recomendação citada é de 2002 e, atualmente, encontra-se no site do International Digital Publishing Forum, a seguinte definição para *electronic books*: “all books delivered electronically over the internet or to hand-held reading devices”<sup>6</sup>.

Uma contribuição mais atual, porém não trazida pelos autores dos artigos, é de Faria e Pericão (2008, p. 467): “aquele que as palavras ou códigos foram substituídos pelos de outra linguagem ou código legível por máquina. Surgiu como alternativa ao livro, texto e documento em suporte papel. Usa-se por oposição a livro impresso”.

A dificuldade de se definir o objeto de estudo, o livro eletrônico, pode ser explicada por ser ainda recente, por haver uma diversidade grande de dispositivos, falta de conhecimento generalizado dos mesmos, entre outros. Por enquanto, muito do que se tem como livro eletrônico é a simples digitalização do impresso e não a criação de uma linguagem própria que explore as possibilidades do digital. A Association of American Publishers define o e-book da seguinte forma: “works that are direct or very similar facsimiles of printed originals developed initially or exclusively for electronic format. These could contain some hyperlinks”.<sup>7</sup>

<sup>6</sup> <http://idpf.org/about-us/industry-statistics> Acesso em 26 de jun. 2012.

<sup>7</sup> <http://publishers.org/bookstats/glossary/> Acesso em 26 de jun. 2012.

## Uma nova linguagem

Toraci (2011), no artigo *Em defesa de uma linguagem científica digital, multiforme e interativa*, afirma que os formatos utilizados atualmente para os livros eletrônicos, os já citados PDF e ePub, não exploram o que o formato digital pode trazer de inovador.

... Pesquisadores, autores, editores, consumidores, todos afirmam que o ‘livro digital’ não pode ser a simples transferência do livro impresso para um leitor digital. Mas é exatamente isto que estamos fazendo... é preciso pensar uma nova forma, agora multiforme e interativa (Toraci, 2011: 1)

Embora o objetivo principal de Ribeiro, no artigo *The book is on the tablet – Visadas no discurso sobre o livro digital na imprensa* – seja fazer uma análise sobre o e-book segundo a cobertura dos jornais, ela nos dá uma pista muito interessante em uma nota de rodapé sobre uma diferença crucial entre os dispositivos de leitura.

Teberosky e Colomer (2003) propõem uma diferenciação entre suporte e portador à qual aderi aqui. Suportes são espaços para texto/imagem; portadores são espaços em que texto/imagem impressos podem eventualmente estar, mas não são especificamente feitos para eles. Livros seriam suportes, mas smartphones, por exemplo, seriam portadores.

Marcar esta diferença é muito importante inclusive para se pensar nos recursos disponíveis e possíveis para o livro eletrônico como sugere Toraci. O iPad, dispositivo da marca Apple, que permite navegação pela internet, jogar games, escrever textos e ler livros, possui tela tátil e um processador capaz de rodar vídeos e animações. Graças a esses recursos, o e-book *Alice no País das Maravilhas*<sup>8</sup> (em inglês) oferecido para essa plataforma contém elementos interativos que pulam e se mexem em meio ao texto. O mesmo não seria possível em um espaço “portador”, sem esses recursos interativos.

Conforme descrevem Silva e Bufrem (2001), em 1968, Allan Kay, cientista norte-americano da Xerox Corporation, previu que na década de 1990 haveria um livro dinâmico, que ele chamou de Dynabook, uma espécie de computador portátil com duas telas em forma de páginas, com legibilidade perfeita, iguais à de um livro impresso (p.3). Os artigos

---

<sup>8</sup>Vídeo demonstrativo da interação está disponível em  
[http://www.youtube.com/watch?v=gew68Qj5kxw&feature=player\\_embedded](http://www.youtube.com/watch?v=gew68Qj5kxw&feature=player_embedded)



apresentados na Intercom divergem, no entanto, sobre qual foi o primeiro dispositivo de leitura lançado realmente no mercado.

No entanto, por conta das novas possibilidades do livro – as tecnológicas –, Ribeiro observa um deslocamento das reportagens sobre o livro do caderno de cultura ou literatura para os cadernos de informática ou tecnologia e mercado ou negócios nos jornais.

É interessante notar um deslocamento do tema “livro” dos espaços de cadernos de cultura para os cadernos de tecnologia. Isso certamente se deve à emergência do dispositivo eletrônico como maior preocupação dos profissionais que com ele lidam.

... livro eletrônico, agora quase uma metáfora do livro impresso, passa a pautar cadernos (também recentemente instituídos) de jornais em discussões que envolvem a economia editorial (modelos de negócios, vendas, marketing, pagamento de direito autoral, distribuição, lojas), configurações tecnológicas, empresas específicas (Apple, Amazon, grandes editoras) e os atores do processo de edição (editor, autor, leitor, livreiro) (RIBEIRO, 2011, p.6).

É claro que as possibilidades tecnológicas e a mudança do formato impresso para o digital têm impacto no leitor. A experiência entre ler *Alice no país das maravilhas* em um livro encadernado capa dura e no iPad, com som e movimento de imagens, é completamente diferente. Martins (2011) em seu artigo *As mudanças na recepção a partir das tecnologias: do livro impresso ao eletrônico*, salienta bem isso, embora sem citar nenhuma obra como exemplo específico, e traz Chartier à discussão.

... ele esclarece que o livro é um suporte para o texto. Não é apenas o conteúdo dos textos que produzem sentido, mas também os aparatos materiais. Pode-se inferir, portanto, que quando o aparato material passa a ser a tela do computador, a recepção do texto também muda (MARTINS, 2011, p. 3).

A experiência de leitura, portanto, é completamente diferente entre o impresso e o digital. Monteiro, em seu artigo de 2001, *Do papel ao monitor – possibilidades e limitações do meio eletrônico* faz uma comparação entre os dois meios, que resumimos a seguir, do ponto de vista material (p. 5 a 7).

- Meios digitais: facilidade de distribuição, reprodução (e não há perda de qualidade ao fazer duplicação de cópias) e atualização, capacidade de armazenamento maior, produção e manipulação de informações (rapidez na entrada e modificação de dados no momento da escrita, localização rápida de palavras, reposicionamento de trechos etc.), tecnologia ecológica (tecnologia digital é limpa, não tem resíduos se não for impressa), maior interatividade (tira o usuário da posição passiva de espectador).
- Aspectos em que o papel supera o meio digital: fino, flexível e leve, pode ser dobrado e carregado com facilidade, qualidades óticas excelentes, barato, flexibilidade de organização espacial (empilhado, grampeado etc.), facilidade de acesso (não precisa de dispositivo para ser acessado), capacidade de endereçamento de informações (pode receber informações por caneta, impressora etc.), independe de energia para leitura, facilidade de manuseio, orientação espacial (é comum lembrarmos um trecho que nos interessa e saber que ele estava “em uma página da esquerda, ao lado de uma determinada figura” (pg. 7), possibilidade de anotações simultâneas à leitura, resistência a alterações indevidas (difícil falsificar), aspecto tátil (experiência de manusear).

Dentre as vantagens e desvantagens, Villaça, em seu artigo de 2002, retoma o conceito de Chartier de “leitura da necessidade e leitura apaixonada” e enxerga o texto eletrônico ideal para a primeira, por baratear o acesso à obra, eliminar a barreira de tempo, espaço e seleção. “A leitura de fruição, no entanto, se completa no contato corporal com o livro” (p. 6). No entanto, uma nova geração, que se habitue a ler na tela, com total interatividade, não poderá ter uma leitura de fruição com som, imagem em movimento e navegação?

As mudanças do impresso para o eletrônico também têm mudado a maneira de se “fazer” o livro, impactando o trabalho dos editores e da cadeia produtiva. No entanto, apenas dois artigos se debruçaram mais exclusivamente sobre o assunto: Barcellos (2010) e Araújo (2011).

Araújo levanta casos de empresas e sites que possibilitam aos autores publicarem seus livros sem a mediação de um editor ou uma editora. Barcellos, por sua vez, faz uma

análise mais detalhada das editoras gaúchas e traz uma contribuição interessante que pode ser aplicada em geral para a produção dos livros e ressalta a importância do editor.

O diretor da Feira do Livro de Frankfurt Jürgen Boos... salienta que o papel de editor permanece nesse contexto porque o conteúdo deve ser selecionado a fim de atender aos leitores. Acrescenta: o texto precisa ser depurado, organizado, isso permanece ainda que sejam publicações de internet. É necessário cuidar do conteúdo, persistir na figura do editor, mesmo que no livro digital a tarefa de estabelecer o “filtro” entre o autor e o leitor torne-se alterada (BARCELLOS, 2010, p. 2).

### **Considerações finais**

Conforme visto neste breve estudo, os artigos apresentados entre os anos 2000 e 2011 no GP Produção Editorial sobre o tema livro eletrônico centraram-se nas tentativas e dificuldades de definição do “livro eletrônico” como objeto de estudo, uma vez que ainda é um assunto novo e cuja forma não está (e talvez não seja) definida. Há comparações entre o impresso e o digital, vantagens e desvantagens, tentativas de aplicar o que se sabe sobre leitura e materialidade em relação ao impresso para o digital, novas possibilidades a serem desenvolvidas e descobertas para este novo meio e uma variedade de dispositivos de leituras. No entanto, embora alguns poucos artigos tenham levantado esse assunto, como citado, não se aprofundou muito o papel do editor para a publicação do livro eletrônico. Ainda que alguns processos mudem e a importância do editor e sua chancela continuem essenciais, estudos sobre o trabalho desse profissional nessa nova perspectiva do livro são muito importantes.

### **Referências**

ARAÚJO, Pablo G. **Edições independentes e práticas editoriais: novas possibilidades de publicação do impresso ao digital**. XXXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Recife, PE, 2011.

BARCELLOS, Marília de A. **Produção de editoras gaúchas e o mercado do livro digital**. XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Caxias do Sul, RS. 2010.

BRAGANÇA, Aníbal. **Um espaço multidisciplinar para os estudos do livro e da leitura no Brasil (1994-2009): uma aproximação quantitativa**. XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2010.

FARBIARZ, Alexandre e NOJIMA, Vera Lúcia M. dos S. **Um breve olhar sobre a ruptura eletrônica do livro**. XXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Belo Horizonte, MG, 2003.

FARIA, Maria Isabel e PERICÃO, Maria da Graça. **Dicionário do livro: da escrita ao livro eletrônico.** São Paulo: Edusp, 2008.

FURTADO, José Afonso. **Metamorfoses da edição na era digital.** I Seminário Brasileiro sobre Livro e História Editorial. Rio de Janeiro, 2004.

LABARRE, Albert. **História do livro.** São Paulo: Cultrix, 1981.

MARTINS, Theane N. S. **As mudanças na recepção a partir das tecnologias: do livro impresso ao eletrônico.** XXXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Recife, PE, 2011.

MONTEIRO, Luís. **Do papel ao monitor – possibilidades e limitações do meio eletrônico.** XXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Campo Grande, MS, 2001.

MORAES, André C. **O livro eletrônico como objeto formal de estudo e como objeto de uso.** XXXIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Caxias do Sul, RS, 2010.

REIMÃO, Sandra e QUINTINO, Felipe. **Os estudos sobre editoração no campo da comunicação (no prelo).**

RIBEIRO, Ana Elisa. **The book is on the tablet. Visadas no discurso sobre o livro digital na imprensa.** XXXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Recife, PE, 2011.

SANTOS, Aparecida R. et al. **O destino da editoração, do livro e da leitura na era web.** XXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Campo Grande, MS, 2001.

SILVA, Giana M.S. e BUFREM, Leilah S. **Livro eletrônico: a evolução de uma ideia.** XXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Campo Grande, MS, 2001.

TORACI, Viviane. **Em defesa de uma linguagem científica digital, multiforme e interativa.** XXXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Recife, PE, 2011.

VILLAÇA, Nízia. **Sobre o e-book; produção editorial e novas tecnologias.** XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Salvador, BA, 2002.

#### **Sites consultados**

Association of American Publishers - <http://publishers.org/bookstats/glossary/>

Intercom - [www.portalintercom.org.br](http://www.portalintercom.org.br)

International Digital Publishing Forum - <http://idpf.org/about-us/industry-statistics>

ISBN <http://www.isbn.bn.br/publicacoes-eletronicas>